

## A presença das touradas em Ouro Preto na década de 1880

The presence of bullfights in Ouro Preto in the 1880s

**Verônica Toledo Saldanha**

Doutoranda em Estudos do Lazer (UFMG)  
Professora do Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU)  
vtoledocsaldanha@gmail.com

**Renato Machado Saldanha**

Doutor em Estudos do Lazer (UFMG)  
Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
renatomsaldanha@gmail.com

Recebido: 16/07/2024

Aprovado: 16/09/2024

**Resumo:** Introduzidas ainda no período colonial, as touradas estiveram presentes no Brasil até as primeiras décadas do século XX, alternando períodos de maior ou menor frequência e aceitação popular. O objetivo deste trabalho é, a partir da leitura dos jornais da cidade de Ouro Preto, identificar a presença das touradas e analisar sua dinâmica e o modo como tal prática era localizada discursivamente frente ao imaginário de modernidade perseguido naquele momento. Para atingir esse objetivo, fizemos a leitura dos jornais *Liberal Mineiro* e *A província de Minas*, e assim realizamos a análise e discussão sobre o tema. As touradas em Ouro Preto no final do século XIX, assumiam um modelo empresarial, como uma mercadoria disponível no crescente mercado de diversões que se formava. Além disso, eram vistas como um reflexo da transição entre o mundo rural e urbano e do esforço da cidade em se modernizar.

**Palavras-chave:** Touradas; Divertimentos; Ouro Preto.

**Abstract:** Introduced during the colonial period, bullfighting was present in Brazil until the first decades of the 20th century, alternating periods of greater or lesser frequency and popular acceptance. The aim of this work is to identify the presence of bullfighting in the city of Ouro Preto and analyze its dynamics and how such practice was discursively located in relation to the modernity imaginary pursued at that time, based on the reading of newspapers. To achieve this goal, we read the newspapers

*Liberal Mineiro* and *A Província de Minas*, and thus, conducted an analysis and discussion on the topic. Bullfighting in Ouro Preto in the late 19th century assumed a commercial model, available in the growing entertainment market. In addition, it was seen as a reflection of the transition between the rural and urban world and the city's efforts to modernize.

**Keywords:** Bullfights; Leisure; Ouro Preto.

### Introdução

No senso comum, as touradas são normalmente associadas à cultura hispânica, e pouco se fala sobre sua existência e popularidade no Brasil até o início do século XX. Felizmente, autores como Victor Andrade Melo, Cleber Eduardo Karls, Flávia da Cruz Santos, Leonardo do Couto Gomes, Fábio Santana Nunes e Coriolano Pereira da Rocha Júnior, dedicaram estudos históricos a prática, buscando resgatar seu passado, compreender sua introdução e dinâmica em cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Belém, Porto Alegre, Feira de Santana e Curitiba.

Introduzidas ainda no período colonial, as touradas estiveram presentes por aqui até as primeiras décadas do século XX, alternando períodos de maior ou menor frequência e aceitação popular. Na segunda metade do século XIX, essa atividade ganharia novos moldes e significados, acompanhando as transformações sociais e culturais pelas quais o país passava. Entender como as touradas eram realizadas em diferentes regiões do país, e que significados foram atribuídos a essa prática, ajuda a ampliar nossa compreensão não apenas sobre o histórico das práticas corporais e do mercado de entretenimento no Brasil, mas também sobre os debates que marcaram o período.

Nesse sentido, esse trabalho se propõe a analisar as touradas realizadas na até então capital mineira, Ouro Preto. Procuramos, assim, nos aproximar do cotidiano desta localidade a partir de um aspecto muitas vezes pouco abordado, uma de suas práticas de diversão mais populares. O objetivo é, a partir da leitura dos jornais da cidade, analisar a ocorrência histórica das touradas em Ouro Preto na década de 1880, observando sua dinâmica e o modo como essa prática era posicionada discursivamente em relação ao imaginário de modernidade perseguido naquele momento. Assim, pretendemos contribuir para uma compreensão mais ampla da história cultural e social da cidade e dos processos de transformação que ocorreram na época.

Para selecionar a fonte principal deste trabalho, realizamos uma pesquisa no acervo digital da Biblioteca Nacional. É importante lembrar que a imprensa escrita foi o meio de informação ocidental mais utilizado no século XIX e início do século XX, exercendo um papel destacado na construção de um imaginário social e da difusão de discursos de modernidade, progresso e civilidade. Plataformas como a Hemeroteca tem se revelado um recurso inestimável para acadêmicos e historiadores, ao simplificar o acesso a essas fontes. Contudo, assim como Brasil e Nascimento (2020), compreendemos que essa ferramenta digital apresenta suas limitações e desafios, tornando essencial a adoção de um rigor metodológico durante a leitura, contextualização e interpretação das fontes.

Hollanda e Melo (2012) indicam que os jornais não apenas falam do mundo, mas participam das suas modificações, em uma relação dialética. Já Leonardo Pereira (2016) aponta que é comum na historiografia se destacar o caráter pedagógico desses veículos, que buscavam orientar, controlar e disciplinar os trabalhadores e suas práticas. O autor alerta, porém, que é preciso diferenciar a imprensa anterior ao quartil final do século XIX, geralmente uma imprensa com vínculos próximos a correntes políticas e partidos, da imprensa que surgiu no Brasil a partir do final do século XIX, que passa a ser produzida dentro de uma lógica empresarial. Ao invés de simplesmente atuar como porta-voz estrito dos interesses de um grupo, essa imprensa comercial visava atrair novos leitores, ampliar suas vendas, e por isso precisava ser mais ampla, negociar mais com seu público, dialogando com questões, temas e opiniões que muitas vezes se distanciavam dos ideais de quem dirigia tais jornais. Com isso, os jornais se tornam mais plurais em seus temas e opiniões, deixando transparecer em suas páginas vozes dissonantes, sentidos negociados e eventos populares.

Os periódicos selecionados, *Liberal Mineiro* e *A Província de Minas* se destacaram por serem jornais que abordam fatos e eventos da cidade, e pelo período de vigência desses periódicos estarem dentro do contexto de interesse desta pesquisa.

O jornal *Liberal Mineiro*, anteriormente chamado *A actualidade*, era propriedade de Carlos Gabriel Andrade, comendador de Saramenha, da cidade de Ouro Preto. Era publicado três vezes por semana de janeiro a agosto, e diariamente de agosto a dezembro, em edições de 4 páginas, com colunas fixas, como a coluna de anúncios, política, os editais de obras públicas do Estado e o folhetim. Algumas seções eram recorrentes, como a de impostos, a coluna aberta aos assinantes, que poderiam escrever sobre qualquer assunto, e a coluna sobre os acontecimentos de outras cidades do país, como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Já *A Província de Minas*, jornal associado ao partido conservador, era

propriedade do redator José Pedro Xavier da Veiga, membro importante do partido naquele momento. As publicações do periódico eram semanais e cada edição possuía 4 páginas. Normalmente a primeira página era dedicada aos anúncios políticos, a segunda página a variedades, a terceira a política e acontecimentos de cidades vizinhas e outras capitais, e a quarta página a anúncios comerciais, inclusive os das diversões.

Uma mesma assinatura desses jornais contemplava várias pessoas. Os jornais passavam de mãos em mãos numa mesma família ou em ciclos sociais. Em relação aos obstáculos para a leitura do jornal, como o analfabetismo, que segundo Lott (2009), ainda era uma realidade impossível de ser ignorada, as notícias por vezes eram lidas em voz alta ou passadas de “boca em boca”, chegando a outras pessoas, inclusive àquelas que não sabiam ler. Porém, não podemos desconsiderar que o público prioritário do jornal era a parcela letrada da população ouropretana, e com isso o que se publicava e divulgava estava de acordo com os interesses e necessidades dessas pessoas.

As pesquisas sobre as touradas no Brasil, como a de Cleber Eduardo Karls e Victor Andrade Melo (2014) sobre a experiência das touradas no século XIX em Porto Alegre, situam o período de maior frequência da prática entre os anos de 1875 e 1900. Já no estudo de Flávia da Cruz Santos e Victor Andrade Melo (2014), os autores apontam que as touradas começaram a acontecer em São Paulo com mais frequência e organização a partir dos anos de 1877. Victor Andrade Melo (2013b), ao buscar discutir as touradas no século XIX no Rio de Janeiro, utiliza o recorte de 1876 e 1884, quando as touradas voltaram a acontecer na Corte. A escolha desses recortes temporais nos estudos mencionados não é aleatória, mas fundamentada em momentos em que a prática das touradas se intensificou e adquiriu relevância social e cultural. Isso não foi diferente em Ouro Preto. A cidade, imersa no debate acerca da mudança da capital, vivenciou na década de 1880 um período de significativas transformações, especialmente nas esferas culturais e no âmbito das diversões. Diante desse contexto, a análise das touradas em Ouro Preto durante esse período pode proporcionar *insights* valiosos sobre a prática desse evento e as dinâmicas sociais e culturais afetadas pelos discursos predominantes na época.

Dentro desse recorte, as edições digitalizadas do jornal *O Liberal Mineiro*, presentes no site da Biblioteca Nacional, se concentram entre os anos de 1882 e 1889. Já o jornal *A Província de Minas*, tem edições disponíveis principalmente entre os anos de 1884 e 1887. Ou seja, dentro desse recorte

temporal mais geral, da década de 1880, concentramos nossa análise no período entre os anos de 1882 e 1889, sem desconsiderar a sua possível continuidade em outros momentos, anteriores e posteriores.

Escolhida a fonte, e determinado o recorte temporal, realizamos a leitura integral dos jornais, com o objetivo de compreender, de forma mais ampla, o contexto em que as touradas estavam inseridas, como elas aconteciam na cidade de Ouro Preto, e o que se dizia sobre elas. Assim, selecionamos os trechos que tratavam sobre o assunto e que consideramos relevantes e relacionados com o objetivo deste estudo. Por fim realizamos a análise e discussão do que foi encontrado.

### **As Touradas no Brasil**

Touradas e outras práticas tauromáquicas estavam presentes no Brasil pelo menos desde o século XVII, quando frequentemente eram incluídas na programação de festividades relacionadas à monarquia, como coroações, jubileus, casamentos e nascimentos na família real. Organizadas por iniciativa da coroa portuguesa, seguindo as tradições lusitanas, as touradas buscavam não apenas divertir a população, mas também reafirmar a presença e o poder da metrópole na colônia. Em outros casos, eram propostas por autoridades locais, desejosas em exibir sua fidelidade à Portugal. Eram, portanto, eventos de distinção social, onde a nobreza se exibia, não apenas fisicamente, nas tribunas destacadas entre o público, mas também simbolicamente, em aspectos como a vestimenta do toureiro. Não por acaso, após a instalação da família real portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808, as touradas se tornaram ainda mais populares e frequentes, e a tendência inversa foi observada após a Proclamação da Independência, em 1822 (Melo, 2013a).

Após um longo período de raras ocorrências, as touradas voltam a se tornar frequentes no último quartil do século XIX. Porém, em outros moldes. A passagem do século XIX para o século XX foi marcada por diversas transformações culturais, econômicas e sociais. O mundo se tornava cada vez mais conectado pelos deslocamentos de bens e pessoas, de capital e de comunicações, pelo fluxo constante de produtos materiais e pensamentos. Junto às trocas comerciais, circulavam também novas ideias e práticas sociais, que anunciavam um novo padrão de civilidade e modernidade (Hobsbawm, 2001). Esse processo desencadeou uma série de transformações em nossos principais centros urbanos. Eram reformas arquitetônicas, sanitárias e pedagógicas, propostas pelas elites políticas, econômicas e intelectuais, que buscavam apagar o passado colonial e *civilizar* o país. A modernidade passa a se

expressar como um desejo de se desvencilhar do colonial, urbanizando as cidades, se industrializando e se adequando aos padrões culturais e sociais de metrópoles europeias. Diante disso, pontua Araújo (2010, p. 377) que

[n]o Brasil, a Europa será o centro irradiador dos padrões de modernidade e civilidade a serem seguidos. As mudanças de ordem material e as metamorfoses de cunho cultural definir-se-ão como um empreendimento necessário ao bom desenvolvimento deste projeto modernizador/civilizador idealizado pelas elites políticas e intelectuais brasileiras.

Os divertimentos fizeram parte desse processo. Desde meados do século XIX e, sobretudo, no final do mesmo século, práticas de lazer não foram apenas uma faceta desses ideais de modernidade, mas possivelmente um dos temas que melhor expressou os conflitos, tensões e transformações da sociedade (Melo; Peres, 2005). Importante ressaltar que as práticas e espaços de divertimento mais tradicionais não deixaram de existir nesse processo, mas passaram por uma atualização influenciada pelos novos discursos de modernidade e civilidade. Da mesma forma, não podemos ignorar que o processo de incorporação das experiências consideradas modernas foi marcado por particularidades e fragmentos das tradições.

Outro aspecto importante desse processo é a paulatina ressignificação do espaço público. Se antes a rua era lugar de escravizados e trabalhadores braçais, associada à sujeira, à insegurança, ao feio, ao degenerado e ao promíscuo, aos poucos ela se tornava também local de encontro, diversão e sociabilidade. Os “ventos da modernidade”, trazidos pelos melhoramentos urbanos, como a iluminação pública, o transporte coletivo, calçamento e limpeza das ruas, aliados a novas opções de comércio e diversão, deslocavam a vida social cada vez mais do ambiente privado para o público.

Neste contexto, as touradas seriam retomadas não mais como eventos ligados ao poder estatal, mas sim como prática comercial, parte do crescente mercado de divertimentos que se formava. As licenças para esse tipo de evento se tornaram mais frequentes nas principais cidades brasileiras, e surgiam as primeiras companhias permanentes, com seus profissionais relativamente estáveis, que excursionavam pelo país em busca de público, em temporadas que seguiam um calendário próprio (Melo, 2013a).

Porém, esse mesmo ideal de modernidade e civilidade que impulsionava as pessoas a explorar o espaço público e favorecia ao incipiente mercado de diversões, também trazia questionamentos sobre

a prática. Junto a esse novo desenho urbano, pretendia-se também afirmar novos hábitos, valores e códigos de conduta, inspirados nas principais metrópoles europeias. A tourada, prática tradicional ibérica e com fortes traços de ruralidade, era apontada por muitos como bárbara e excessivamente violenta. Essas críticas terminam por prevalecer, e as touradas passam a ser alvo de proibições por legislações locais, no início do século XX. Em 1906, a Câmara Municipal de São Paulo aprovou, e o prefeito Antônio da Silva Prado sancionou, a lei nº 956/1906, que proibia a prática na cidade. No Rio de Janeiro, a proibição veio pelo decreto 1.173, do prefeito Francisco Souza Aguiar, em maio de 1908. Outras cidades seguiram o exemplo, e o Congresso Nacional chegou a discutir um projeto de lei a respeito, em 1914, porém, não chegou a aprová-lo. Somente em 1934, o decreto presidencial Nº 24.645, que buscava proteger animais de maus tratos, tornou a tourada uma prática proibida em todo território nacional (DECRETO Nº 24.645, 1934).

Para além do aparato legal, há de se registrar que as touradas já andavam em baixa no final da primeira década do século XX, perdendo público para outras práticas de divertimento que surgiam. Ainda que com algumas diferenças e particularidades, essa trajetória de ascensão no final do século XIX, e queda a princípios do novo século, foi observada por estudos históricos sobre as touradas no Rio de Janeiro, realizados por Victor Andrade Melo (2013a; 2013b), em São Paulo realizado por Flávia da Cruz Santos e Victor Andrade Melo (2014), em Porto Alegre realizado por Cleber Eduardo Karls e Victor Andrade Melo (2014), em Salvador realizado por Victor Andrade Melo e Coriolano Júnior (2016), em Belém realizado por Maria de Nazaré Sarges (2008), e em Feira de Santana, realizado por Fábio Santana Nunes (2021). Cientes desse quadro geral, partimos agora para a análise do contexto específico de Ouro Preto.

### **As touradas em Ouro Preto**

Ouro Preto também foi impactada pelos “ventos da modernidade” do fim do século XIX. A primeira capital da Província de Minas Gerais tinha uma população expressiva, especialmente quando comparada com a maioria das cidades mineiras do período, e registrou crescimento urbano, econômico e populacional na maior parte dos oitocentos, principalmente antes da mudança da capital para Belo Horizonte, em 1897. Nas proximidades do período de interesse desta pesquisa, em 1872, o censo demográfico contou 42 mil habitantes, e, posteriormente, em 1891, 59 mil habitantes. Já a região

urbana, compreendida entre as freguesias de Pilar e Antônio Dias, concentravam 14.078 habitantes em 1872 e 17.860 em 1891, o que demonstra crescimento entre esses anos, algo que só viria a se modificar com a mudança da capital, em 1897 (Lott, 2009; Vieira, 2016). Além disso, Ouro Preto era um polo administrativo, jurídico, comercial e cultural importante em Minas Gerais, o que garantia um fluxo considerável de visitantes durante todo o ano. Nesse período, melhorias urbanas modificaram o cotidiano dos moradores, como a chegada do telégrafo em 1871, a inauguração da ferrovia em 1887 e seu funcionamento em 1888, alterações na arquitetura e nas fachadas dos prédios, a melhoria da iluminação pública, investimentos em educação, especialmente com a criação da Escola de Farmácia em 1839 e da Escola de Minas em 1876 (Carvalho, 2021).

Ainda assim, apesar dos melhoramentos, a cidade passou a ter o seu status de capital da Província cada vez mais questionado. Durante as últimas décadas do século XIX, esse debate, associado aos ideais de modernidade e tradição, dividia a população em dois grupos: os mudancistas e os não mudancistas. Os não mudancistas acreditavam que era possível modernizar a cidade e unir modernidade e tradição, enquanto os mudancistas defendiam que a província mineira precisava de uma nova capital e que a barroca Ouro Preto não conseguiria se adequar aos novos tempos. Nesse momento, os não mudancistas buscaram diversas formas de transformar a cidade, incorporando ao seu cotidiano práticas compreendidas como modernas, incluindo a importação de outras formas de divertimento (Carvalho, 2021; Mantovani, 2007; Vieira, 2016).

Todas essas transformações também impactaram no âmbito cultural, favorecendo a circulação de ideias e adoção de novos comportamentos. Durante esse período, emergiu o desejo de usar com segurança o espaço público durante a noite, após o horário de trabalho, levando a população a reivindicar por uma iluminação pública adequada que permitisse maior circulação de pessoas nesse período, incentivando o desenvolvimento de um mercado de entretenimento noturno. Atraídos por esse público, espetáculos e companhias artísticas se estabeleceram na cidade com maior frequência (Carvalho, 2021). Nas páginas do *Liberal Mineiro* e da *Província de Minas*, percebemos o crescimento desse mercado de diversões noturnas nas décadas finais do século XIX. Esses eventos eram os espetáculos teatrais, circenses, de prestidigitação, concertos, os botequins e as touradas.

A dinamização da vida noturna na cidade desencadeou mudanças nos valores e práticas. Antes considerado sombrio e associado à transgressão e marginalidade, o espaço público passou a ser ocupado também pelas ditas “boas famílias” de Ouro Preto. Nessa transição para uma

vida noturna moderna, os espetáculos se tornaram uma das principais formas de divertimento (Carvalho, 2021). Dentre eles, as touradas.

Embora não tenhamos conhecimento da existência de estudos específicos sobre as touradas em Ouro Preto, é possível apontar a presença desses espetáculos mesmo antes do período aqui em análise. Como na programação de festejos organizados em Ouro Preto na ocasião da coroação de D. Pedro II, em 1841:

A câmara municipal desta imperial cidade de Ouro Preto devendo empregar todos os meios a seu alcance para que haja o maior esplendor nos públicos festejos, resolveu que fizessem por ocasião da coroação e sagração de Sm M. o Sr. Dom Pedro 2, imperador constitucional e defensor do império do Brasil, tem nomeado diversas comissões para que nesta cidade e em todo município se promova uma subscrição, para com seu produto correr as despesas que se houverem de fazer com os mencionados festejos, os quais deliberou que durassem por nove dias consecutivos, debaixo da ordem seguinte

No primeiro dia haverá missa solene, cantada com oração, te deum e a tarde procissão do ss. sacramento, acompanhada por todas as ordens e irmandades.

2º dia: cavalhadas, danças, etc

3º dia: Idem, touros, danças.

4º dia: como no 2º dia (O Universal, 5 de abril de 1841, nº 45, p.3).

Bibbó (2017), em sua dissertação sobre as diversões na cidade nas últimas décadas do século XIX, cita ainda a presença de licenças, ou registros de pagamentos a toureiros, no período entre 1830 e 1870. O primeiro anúncio de um espetáculo similar a tauromaquia que encontramos nos dois jornais que nos servem de fonte, se deu apenas no ano de 1882. Nesse primeiro anúncio, o artista D. Rodriguez demonstrava sua força e destemor enfrentando uma junta de bois em uma luta.

HOJE! 26 de Agosto, dará grande e variado espetáculo no barracão estabelecido no largo do Rosário, o Hércules, D. Rodriguez, que tantas ovações mereceu na corte pelos seus magníficos e perfeitos trabalhos de força, para os quais chama-se a atenção dos apreciadores bello. Em que terá lugar a grande destemida luta executada pelo hércules D. Rodriguez contra uma junta de bois (Liberal Mineiro, 25 de agosto de 1882, nº 93, p. 4).

Por esse primeiro anúncio, já temos uma indicação de onde aconteciam espetáculos dessa natureza. Apesar de Ouro Preto não possuir uma praça de touros permanente, uma arena para o espetáculo era montada normalmente no Largo do Rosário, que também recebia com frequência apresentações circenses (Bibbó, 2017; Carvalho, 2021).

No anúncio do espetáculo protagonizado por D. Rodriguez, podemos perceber também a forma persuasiva utilizada pelo jornal para promovê-lo, citando as ovações recebidas anteriormente, na corte, como forma de chancelar a atração. O uso de adjetivos como “grande” e “variado” busca enfatizar a grandiosidade do evento. Ao nomear o artista como Hércules, o jornal exalta sua força, fazendo referência ao herói da mitologia grega, conhecido pela sua força sobre-humana, que subjuga feras e realiza feitos incríveis em seus famosos doze trabalhos, buscando redimir-se do assassinato de sua esposa e filhos (BAYET, 1926). A notícia, assim, enaltece a valentia e o vigor do artista, reforçando uma cultura física, de um corpo forte, de um herói admirável e destemido, que travava um embate com a natureza, questões essas muito ligadas aos ideais modernos que vinham se consolidando.

Não há, nesse primeiro anúncio encontrado, maiores detalhes sobre a atração, mas uma nota posterior nos indica que, mesmo envolvendo um embate entre um homem e touros, não se tratava de uma tourada tradicional, com seus rituais, manobras e dinâmica.

A chegada de uma companhia de toureiros dois anos depois é festejada pelo jornal:

Praça de touros: brevemente chegará a esta cidade a companhia de corrida de touros bravos, dirigida pelos artistas portugueses e espanhóis Leite de Vasconcellos, Ganyrena e Cericola, que desempenharão as mais difíceis e arriscadas sortes. A arte de bandarilhar touros não é desconhecida dos habitantes da capital, onde outrora tais espetáculos eram exibidos anualmente por ocasião dos festejos do Divino Espírito Santo, mas, abandonados há cerca de 25 anos, atrairão hoje grande concorrência, sendo, como nos informão, hábeis e destros os artistas da companhia, que há percorrido as principais cidades da Europa e América (Liberal Mineiro, 16 de setembro de 1884, p.3)

Esta nota nos dá várias pistas importantes sobre a dinâmica das touradas em Ouro Preto. Primeiro, indicando que elas eram frequentes até meados do século XIX, e que tinham lugar não apenas em festejos relacionados à monarquia, mas também em eventos religiosos. A festividade retomada da prática, em 1884, já se daria em outros moldes, pelas mãos de toureiros espanhóis e portugueses, que levavam seu espetáculo pelo Brasil e pelo exterior. O itinerário, o tempo de permanência e o número de exposições desta companhia em cada lugar, dependia do mercado consumidor, de quantas pessoas dispostas a pagar pelo espetáculo havia por ali. Portanto, a tourada já era aqui uma prática comercializada, guiada por interesses empresariais. Já não seguiam o calendário das festas oficiais da Igreja e do Estado, mas sim a lógica econômica.

Mesmo sem serem comprometidas com o processo de educação e transmissão de valores, como o teatro (Duarte, 1993), as touradas faziam grande sucesso entre a população de Ouro Preto. Embora consideradas por muitos um divertimento bárbaro, elas não eram associadas à incivilidade pela ótica desses jornais. Em Ouro Preto, assim como o circo, os espetáculos tauromáquicos atraíam a população, seja pelo suspense e excitação, seja por certo deleite estético que proporcionavam ao público.

Realizaram-se domingo último, conforme estava anunciado, as touradas na praia de Ouro Preto. Alguns artistas distinguiram-se, enfeitando de bandarilhas os touros, que, se não eram os mais valentes, todavia deram ensejo a que fossem aplaudidos os profissionais. O diretor, no quarto e último touro esteve pouco feliz, restando-lhe, porém, a satisfação que lhe causara o público, enchendo-lhe a praça e cobrindo de merecidos aplausos (*Liberal Mineiro*, 28 de out. 1884, p.3).

Com extraordinárias concorrências, teve lugar antes de ontem mais uma corrida. Como sempre, alguns artistas brilharam, conhecendo-se por vezes a contrariedade que lhes causava o não serem bravos os touros, como era para desejar. Agradaram muito as bandarilhas, galhardetes, etc. o que não aconteceu com as de fogo, que pôs em risco os espectadores. O valente pegador Rodrigues distinguiu-se como sempre, subjugando os touros, o que lhe valeu ser muito vitorioso (*Liberal Mineiro*, s/d de 1884, p.3).

Nessas duas notícias, publicadas pelo *Liberal Mineiro*, em 1884, ficam evidentes algumas opções do jornal no trato com o tema. Ao repercutir as apresentações, o jornal prefere destacar a boa presença do público, o brilho e a valentia dos artistas e os aplausos recebidos, ao invés de outros aspectos que poderiam ser menos elogiosos. Para descrever o ato de cravar nos touros bandarilhas, uma espécie de haste afiada e ornamentada, típica das touradas, é escolhido o verbo “enfeitar”, o que sugere que tal ação tenha o propósito exclusivo de proporcionar deleite estético ao público. Nada nas notas indica que fosse esse um evento violento, ou cruel. Até mesmo a ressalva feita sobre a falta de agressividade dos touros parece contribuir para a construção da imagem de um espetáculo “civilizado”, familiar até.

Touradas: Domingo, o espetáculo de despedida do artista Erades Ganyrena, conhecido por todo mundo civilizado. Em toda parte, onde tem trabalhado, deixa saudosas recordações. O povo ouropretano provavelmente irá ao circo, a fim de, mais uma vez, aplaudir o denotado artista, que tão depressa nos deixa (*Liberal Mineiro*, 22 de set. 1884, p.3).

Nesse anúncio, de setembro de 1884, podemos observar o esforço do jornal em valorizar o artista Erades Ganyrena, que fazia suas últimas apresentações na cidade. O texto faz questão de enfatizar a boa aceitação do artista, e de sua apresentação em “todo mundo civilizado”, procurando assim persuadir o público a prestigiar o evento, e ter dele uma boa impressão. Menções “à corte”, “à

Europa”, “ao mundo civilizado”, chancelam as touradas como um divertimento moderno, adequado aos novos tempos.

A presença abundante e entusiasmada da assistência é outro ponto sempre destacado pelo jornal. Em um contexto onde a vida social se desenrolava cada vez mais no espaço público, e que um mercado de divertimentos se formava, exaltar a presença e aceitação dos espectadores era uma estratégia comum para promover a popularidade do evento. A presença de destros e destemidos toureiros, que enfrentavam a animais indóceis, parecia atrair ainda mais o público, e garantir o sucesso do espetáculo.

Touradas: Domingo, 26 do corrente, no circo da praia de Ouro Preto, estreou a companhia tauromáquica lusitana, de que é diretor o Sr. Leite de Vasconcellos. Foi enorme a concorrência, para o que contribuiu certamente o fato de há longos anos não aparecer nesta capital semelhante gênero de espetáculos. Os artistas mostraram muita agilidade, força e destreza, além de outros dotes, sendo aplaudidos por muitos espectadores. As touradas continuam e estamos certos que não faltarão tão cedo entusiastas espectadores (A Província De Minas: Órgão do Partido Conservador (MG), 30 de outubro de 1884, n. 231.p.2).

Touradas: Foi ainda muito considerável o número de espectadores na praça de touros de 1º do corrente, cujos arriscados trabalhos foram como de costume executados sob a direção ativa do Sr. Leite de Vasconcellos. Em geral os artistas não desmentiram a fama que tem, sendo especialmente festejadas as cenas a que deu lugar o touro Pelintra, animal verdadeiramente bravo, mas ante o qual não recuaram os destros e corajosos lutadores. Estão anunciadas para hoje novas touradas. De certo não lhes faltarão a presença e aplausos dos amigos deste gênero de divertimentos (A Província De Minas: Orgão do Partido Conservador (MG). 6 de novembro de 1884, n. 232, p4).

Touradas: hoje, dia 16 de novembro, realizar-se-á, no horário de costume, um surpreendente espetáculo, onde serão exibidos touros dos mais bravos que já apareceram por aqui (Liberal Mineiro, 16 de nov. 1884, p.4).

Outra prática observada por outros autores que pesquisaram as touradas, e também encontrada em nossas fontes, foi a do “touro para curiosos”, ou “tourada popular”. Nessa modalidade, estimulava-se a interação do público com o espetáculo. Era oferecido um touro e a plateia poderia tentar enfrentá-lo. Quem conseguisse subjugar-lo, ganhava um prêmio em dinheiro (Melo, 2013b). Houve uma tentativa de se fazer algo do tipo em Ouro Preto, porém, ninguém teria conseguido realizar o desafio. Na ausência de vencedor da plateia, o prêmio foi enviado à irmandade de S. José, associando-se à causa religiosa, como veremos em outros momentos

O touro para curiosos foi apenas aproveitado pelos artistas, visto não se terem apresentado aqueles. O prêmio era de 30\$000 para quem subjugassem o touro e foi

oferecido para a irmandade de S. José, recebendo, nesta ocasião, toda a companhia uma salva de palmas, além de ricos ramalhetes que de toda parte lhes eram oferecidos (Liberal Mineiro, s/d de 1884, p. 3).

A despeito das críticas generalizadas sobre as touradas em diversos locais, as mesmas não parecem ter surtido tanto efeito em Ouro Preto. É possível inferir, a partir das fontes, que a população ouropretana tinha uma boa relação com esse tipo de espetáculo. De fato, a imprensa local raramente se manifestou contrariamente às touradas, o que sugere certo consenso social em torno desse tema. Além disso, a presença na cidade da companhia de Leite Vasconcellos por boa parte do segundo semestre de 1884 é um importante indício da demanda dos ouropretanos por esse tipo de espetáculo. Um dos poucos exemplos contrários à tauromaquia pode ser encontrado em um editorial do jornal *A Província de Minas*, que faz uma crítica à plateia que não compareceu a um espetáculo de prestidigitação. O autor, visivelmente irritado com a falta de interesse do público por esse tipo de espetáculo, faz questão de ressaltar que os ouropretanos estavam mais preocupados em assistir a “espetáculos menos inteligentes”, como circos e touradas.

Prestidigitação: Em duas noites, sendo a última a de ontem, o Sr. Trajano Pires, no teatro dessa cidade, teve ocasião de patentear sua grande habilidade como prestidigitador, executando muitas e difíceis sortes com tal agilidade e perícia que foram gerais os aplausos dos assistentes. Infelizmente, não eram estes em número tão avultado como seria para desejar-se, o que não se pode estranhar, porque em regra, as artes de salão e trabalhos inteligentes, como os do Sr. Trajano Pires, tem entre nós um auditório muito menor do que os circos, as touradas, e outros divertimentos menos delicados. Juntamos nossos aplausos a aqueles que no teatro fizeram justiça ao estimável Sr. Trajano Pires, como prestidigitador habilíssimo, digno da simpatia e do favor do público (*A Província de Minas: Órgão do Partido Conservador* (MG). 6 de Outubro de 1887, n. 487, p.3).

Na crítica em questão, aparece uma diferenciação clara entre a tauromaquia e outras atividades culturais, como o teatro, as artes e a prestidigitação. Ao classificar as touradas e o circo como “divertimentos menos delicados”, o autor sugere que essas atividades não eram inteligentes, refinadas ou civilizadas. Novamente, valores ligados à modernidade eram utilizados na avaliação da atração, desta vez, porém, em prejuízo das touradas. Isso reflete uma divergência de valores culturais e indica uma ambiguidade na percepção das touradas na época. Embora a maioria dos anúncios publicados nos jornais de Ouro Preto durante a década de 1880 associe a tauromaquia ao progresso e à modernidade, ainda havia uma tendência a repensar essa prática ao longo da década, o que evidencia a pluralidade de sentimento em relação a essa diversão.

Uma estratégia comumente utilizada por esses espetáculos para vencer resistências, era a associação com causas religiosas, beneficentes e políticas, estabelecendo uma relação de mútua ajuda.

Touradas: domingo 18 de janeiro em benefício da capela de S. Sebastião e para a liberdade do escravizado Joaquim, cuja carta será entregue no fim do espetáculo. Haverá grande corrida, para cujo fim a comissão conseguiu 6 valentes e bravos novilhos e espera a concorrência do público, que não deixará de provar mais uma vez seu espírito religiosos e humanitário (*Liberal Mineiro*, 18 de jan. 1885, p.4).

Na passagem em questão, destaca-se que João Miguel de Faria tinha obtido sucesso em suas apresentações anteriores no Rio de Janeiro e São Paulo, o que lhe conferia credibilidade. Além disso, o fato de que sua próxima apresentação seria em benefício da causa abolicionista, reforçava a associação da tauromaquia com causas nobres e modernas. De forma semelhante, as touradas anunciadas para o dia 18 de janeiro de 1885 teriam fins beneficentes, sendo destinadas à arrecadação de fundos para a capela de São Sebastião e a alforria do escravizado Joaquim. Essa relação da prática com causas sociais e políticas talvez possa se enquadrar naquilo que Aldo Silva (2023) nomeou de “beneficência compulsória”. Ou seja, seria parte de uma dinâmica de imposição, tácita ou formal, a grupos artísticos diversos, da realização de apresentações com ganhos financeiros parcial ou totalmente revertidos em favor de terceiros, em troca de maior visibilidade e reconhecimento por jornais, ou autoridades locais.

Essas relações das touradas com causas beneficentes também foram encontradas em outras cidades do país, como, por exemplo, em Porto Alegre. Karls e Melo (2014) demonstram que algumas dessas apresentações foram feitas em benefício de hospitais, asilos, irmandades, entre outros. No Rio de Janeiro, isso também aconteceu. Melo (2013b) aponta, por exemplo, corridas de touros organizadas em benefício das vítimas de uma inundação em Lisboa. Tudo isso também poderia contribuir no reconhecimento social da prática, distanciando da imagem de violência e crueldade.

A associação com a igreja também não foi incomum. O anúncio de uma tourada programada para acontecer na noite de natal, entre a ceia e a tradicional missa natalina que começava à meia noite, sugere uma boa relação entre a igreja e a companhia tauromáquica. Outra boa relação com as touradas era as das autoridades municipais. Bibbó (2017) aponta que desde 1870 os pedidos de licença para uso de largos, terrenos e outros lugares para montagem dos picadeiros e redondéis foram frequentes. As apresentações circenses e as touradas apareciam como um divertimento popular entre os ouropretanos,

apoiado pelo jornal e autorizado pelo poder público. A presença das autoridades nas touradas também aponta para essa boa relação.

Praça de touros: praia de Ouro Preto, definitivamente domingo, 26 de outubro de 1884, debute dos toureiros lusitanos. Com a assistência do presidente da província e Dr. chefe de polícia. Para satisfazer aos nobres amadores e ao ilustrado público dessa capital, vão apresentar-se nesta corrida os hábeis artistas que farão todos os esforços que a arte lhes permite, para corresponder a sua expectativa, e para merecerem a proteção que este hospitaleiro público costuma dispensar aos parias que a ele recorrem. Ao cavalheiro e bandarilheiro Leite de Vasconcellos que tão vitorioso tem sido em todo Brasil. Bandarilheiros: primeira espada espanhol que tão laureado tem sido a Europa, Espanha e Portugal, Repúblicas do Prata e Brasil Erades Gangrena, Francisco Serisola e o auxiliar Bento Granja destemido hábil e valente bandarilheiro tão vitorioso em todos lugares João Vieira, e o valente pegador JOAQUIM RODRIGUES. As 4 horas da tarde, assim que o presidente chegar, terá começo a corrida de ‘quatro bravos, novilhos, ou, touros’. O espetáculo será marcado pelos programas. As pessoas que tiverem comprado bilhetes terão a bondade de guardá-los para este dia que darão ingresso para o espetáculo. Outrossim, os bilhetes desde já estão a disposição dos amadores em casa do Sr. major Junqueira (Liberal Mineiro, 22 out. 1884, p.4).

Praça de Touros no dia 25 de dezembro, depois que o respeitabilíssimo público ouropretano acabar seus variados e sortidos jantares, depois do -urrhas- ou de vasarem as taças, é mister para boa diversão um bom havana e um bom passeio acompanhado de uma boa palestra e divertimento. E por assim entender o Vasconcellos, achando-se já estabelecido de uma enfermidade que o deixou de cama por 30 dias. Preparou uma esplêndida corrida de 4 BRAVISSIMOS NOVILHOS comprados propositalmente nas vastas invernações do calhau e afiançados como os mais bravos dessas paragens. Pela primeira vez se levará a praça o Episódio Cômico e Burlesco, que mais tem agradado o público “Um doente em apuros”. Às 20hs e 30m da tarde. Os pormenores desta função vão detalhadamente nos programas distribuídos ao público. Vasconcellos pede ao benevolente público toda a coadjuvação, pois que sendo assim, ter-lhe-ão dado uma boa consoada e terá mais uma prova que o povo ouro-pretano não se olvidou de sua humilde pessoa (Liberal Mineiro, 23 de dez. 1884, p.4).

Nesses dois trechos, é possível perceber a promoção da tourada como um evento de entretenimento e diversão popular em Ouro Preto durante a década de 1880. O primeiro trecho apresenta a estreia dos toureiros lusitanos com a presença do presidente da província e destaca os “quatro bravos, novilhos, ou, touros”. A inclusão de figuras de destaque na sociedade da época reforça a importância política e social atribuída ao evento. A caracterização dos touros como “bravíssimos” reforça a ideia de coragem e bravura associadas à prática da tauromaquia, valorizando o feito dos toureiros, que os enfrentavam corajosamente. Já o segundo trecho descreve uma corrida de novilhos que acontecerá no dia de Natal e sugere que o evento é uma opção de diversão após as ceias natalinas. Nesse trecho o autor utiliza termos como “divertimento”, “palestra” e “Episódio Cômico e Burlesco”

para atrair o público. Assim, a tourada não era apenas um confronto violento entre homem e animal, mas também incluía outros elementos, como a comédia. Tudo isso, revela a complexidade (e até a contradição) desses eventos, que se adaptavam ao gosto e expectativas do público.

## Conclusões

Assim como outros autores já apontaram, em estudos sobre outras cidades, as touradas foram retomadas em Ouro Preto no final do século XIX, seguindo uma nova dinâmica. Diferentemente do que acontecia até a metade do século XIX, o novo modelo de negócio não era mais dependente do calendário e da promoção da monarquia e da igreja, mas sim se apresentava de modo autônomo, como mais uma mercadoria à disposição no mercado de diversões e espetáculos que surgia.

Os jornais de Ouro Preto celebravam esse ressurgimento, anunciando e repercutindo as touradas, destacando sua aceitação em outras cidades e países do “mundo civilizado” exaltando seus artistas, e dedicando aos espetáculos adjetivos quase sempre elogiosos, que buscavam descrevê-las como emocionantes, surpreendentes, belas e admiráveis. A população parecia apreciar bastante essa atração, o que pode ser comprovado pelo tempo de permanência das companhias na cidade, e pela sempre citada boa presença do público. Críticas e questionamentos sobre o caráter violento da prática não foram encontradas.

Vale mencionar que a presença das touradas em Ouro Preto parece ter sido menos frequente, no período estudado, do que em algumas outras capitais do país. Isso pode ter ocorrido por inúmeras razões, incluindo as dificuldades de acesso à cidade, uma vez que a linha férrea demorou a ser instalada e que os acessos anteriores à cidade eram montanhosos e íngremes. Além disso, Ouro Preto não possuía uma praça de touros permanente, ou um redondel, como no caso do Rio de Janeiro e Salvador o que fazia com que ela fosse montada apenas quando as companhias de touradas se instalavam ali, o que dificultava a instalação de companhias que promoviam esse tipo de diversão.

A dinamização do mercado de divertimentos, porém, não foi capaz de modificar o destino da cidade. Com o início da República, em 1889, Ouro Preto parecia fadada a perder seu *status* de capital da província. A Proclamação da República fortaleceu ainda mais um discurso de refundação do Brasil, que defendia a necessidade de se apagar o passado para criar uma nova nação. Ouro Preto, com sua

história associada ao período colonial e à dominação portuguesa, lembrava tudo aquilo que se almejava esquecer.

Ainda assim, as touradas em Ouro Preto no final do século XIX podem ser vistas como dos reflexos da transição entre o mundo rural e urbano e do esforço da cidade em se modernizar e incorporar as diversões que já eram populares em outras capitais do país.

### Referências bibliográficas

- ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. Aspirações de modernidade, sonhos de cosmopolitismo. **Revista de Ciências Humanas**, v. 10, n. 2, p. 375-388, jul./dez. 2010.
- BAYET, Jean. **Les origenes de l'Hercule romain**. Paris: Bocard, 1926
- BIBBÓ, Caroline Bertarelli. **Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2017.
- CARVALHO, Verônica Toledo Ferreira de. **OURO PRETO, SINFONIA DA METRÓPOLE: 1882-1889**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte, 2021.
- DEL PRIORE, Mary. **História da gente brasileira: República – Memórias (1889-1950)**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios 1875 - 1914**. 6 ed. Paz e Terra: São Paulo, 2001.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de; MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.
- KARLS, Cleber Eduardo; MELO, Victor Andrade de. Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX. **História Unisinos** 18(2):352-363, Maio/Agosto 2014
- LOTT, Mirian Moura. Sob o Badalar dos Sinos, o **Ar da Modernidade. Ouro Preto: População, Família e Sociedade 1838-1897**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- MANTOVANI, André Luiz. **Melhorar para não mudar: ferrovia, intervenções urbanas e seu impacto social em Ouro Preto-MG, 1885-1897**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007
- MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. Lazer, esporte e cultura urbana na transição dos século XIX e XX: conexões entre Paris e Rio de Janeiro. **LOGOS 22** - Comunicação e Cultura Metropolitana, Ano 12, n° 22, 2005.

MELO, Victor Andrade de; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. As touradas na cidade da Bahia: transições na dinâmica pública soteropolitana. **Revista História & Perspectivas**, [S. l.], v. 29, n. 54, 2016.

MELO, Victor Andrade de. As touradas nas festividades reais no Rio de Janeiro colonial. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 365-392, jul./dez 2013a.

\_\_\_\_\_. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884). **História (São Paulo)**, v.32, n.2, p. 163-188, jul./dez. 2013b ISSN 1980-4369

NUNES, Fábio Santana. “A LOS TOROS!”: AS TOURADAS EM FEIRA DE SANTANA (1893-1905). **Caminhos da História**, Montes Claros, 26(1), Janeiro-Julho, ISSN: 1517-3771 / 2317-0875, p. 54 a 72, 2021.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Negociações impressas: a imprensa comercial e o lazer dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República. **História (São Paulo)**, v. 35, e99, p. 1-21, 2016.

SANTOS, Flávia da Cruz, MELO, Victor Andrade de. Entre o rural e o urbano: as touradas na São Paulo do Século XIX (1877-1889). **Rev. Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, a.175 (463):39-70, abr./jun. 2014.

SARGES, Maria de Nazaré. O Colyseu: arena de touros e toureiros do além-mar – Belém do Pará (1894- 1900). In: MATOS, Maria Izilda et al. **Deslocamentos e histórias: os portugueses**. Bauru: EDUSC, 2008.

SILVA, Aldo José Moraes. A beneficência compulsória nas apresentações artísticas em fins do século XIX e início do XX. **História e Cultura**, v. 12, n. 1, jul. 2023. Disponível em: <https://seer.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/3763> .Acesso em: 03 de set. 2024

VIEIRA, Liliane de Castro. **Ouro Preto e o século XIX: O mito da decadência**. Revista CPC, São Paulo, n.22, p.145-189, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/119887>. Acesso em: 02 jan. 2021.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

### Fontes primárias:

BRASIL. Decreto N° 24.645, de 10 de julho de 1934.

A PROVÍNCIA DE MINAS: Órgão do Partido Conservador (MG). 30 de outubro de 1884, n. 231. p.2

A PROVÍNCIA DE MINAS: Órgão do Partido Conservador (MG). 6 de Novembro de 1884, n. 232. p.4

A PROVÍNCIA DE MINAS: Órgão do Partido Conservador (MG). 6 de Outubro de 1887, n. 487. p.3

- LIBERAL MINEIRO, 16 de nov. 1884, p.4  
LIBERAL MINEIRO, 16 de setembro de 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, 22 de set. 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, 22 out. 1884, p.4  
LIBERAL MINEIRO, 23 de dez. 1884, p.4  
LIBERAL MINEIRO, 25 de agosto de 1882, nº93 p.4  
LIBERAL MINEIRO, 28 de out. 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, s/d de 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, s/d de 1884, p.3  
LIBERAL MINEIRO, 18 de jan. 1885, p.4  
O UNIVERSAL, 5 de abril de 1841, nº 45, p.3